

## “O QUE VOCÊ ESTAVA FAZENDO NO DIA 1º DE ABRIL DE 1964?” (1)

Regina C. Pacheco \*

Nestes nossos dois anos de ensino na universidade sempre lecionando Português e Redação a alunos de outras áreas que não Letras — temos acumulado uma série de experiências, no que diz respeito à utilização de textos e obras literárias, bastante diversas daquelas dos professores que lecionam para o Curso de Letras.

Diversas porque, em primeiro lugar, trabalhando com alunos de outras áreas, estamos lidando com o tipo COMUM de leitor, ou seja, o leitor do qual não se exigem conhecimentos específicos de teoria ou análise literárias. Assim, o que se espera obter de suas leituras, são comentários críticos de modo geral impressionistas e conhecimento do conteúdo lido. São raros os casos em que se consegue que o aluno extrapole o texto. (São raros, mas, felizmente, existem). Em segundo lugar, porque temos trabalhado apenas com narrativas atuais, e temos alcançado bons resultados com isso.

Nosso trabalho com textos literários tem sido feito de duas formas: os estudos de textos que necessitem ser feitos o serão através da narrativa curta, sempre lida e analisada em aula, e através da narrativa longa, leitura extra-classe, cobrada através de prova e debate, apenas para ver se realmente leram (e entenderam o que foi lido). Habitualmente é essa cobrança — as questões da prova e as discussões em sala — que vão permitir uma compreensão mais profunda da obra.

A narrativa curta, estudada em aula, é escolhida de forma a dar aos estudantes uma visão, tão diversificada quanto possível, das tendências da literatura brasileira atual: a violência, o realismo fantástico, o humor, a contestação, o policial... (Infelizmente faltou-nos coragem para tentar o erótico, embora alguns alunos, por sua conta, tenham produzido bons textos nesta linha). E, fato interessante, um conto pesado, de violência, desde que bem trabalhado com a turma é bem aceito e dá margem a excelentes discussões sobre as influências que a literatura e os meios de comunicação possam ou não ter sobre as pessoas. Já o realismo fantástico não é tão bem aceito, principalmente na área das Ciências Exatas, por razões óbvias.

A escolha da narrativa longa — quase sempre romance - obedece a três critérios básicos: que seja atual, que não seja exageradamente complicada ou simbólica e que, de preferência, mas não obrigatoriamente, seja “badalada”. Este requisito funciona muito

---

(1) DRUMMOND, Roberto. *Sangue de Coca-Cola*. 2ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1981, p. 91.

bem, e por várias razões. As principais são a funcionalidade, já que a atualidade de edição faz com que o livro seja facilmente encontrado, e a de não exigir grandes esforços para motivação. Sem contar com o fato — importantíssimo — de que a linguagem usada pelos autores se aproxima da que nossos jovens utilizam, suas personagens agem e reagem da mesma forma que nós, e enfrentam o mesmo tipo de problemas.

Mas a escolha dos romances a serem lidos têm, via de regra, esbarrado em um obstáculo: a temática. Datados ou não, os romances atuais tratam, quase sempre, de forma clara ou simbólica, do envolvimento de todos com a Revolução de 1964. E se perguntarmos a nossos alunos: "o que você estava fazendo no dia 1º de abril de 1964?", eles provavelmente responderão, como já o fez uma aluna, este semestre: "ora, professora, eu estava nascendo!..."

E será correto que preocupemos suas jovens cabeças com fatos que para elas têm outra importância, são vistos de maneira tão diversa? Sim, será não só correto como necessário. É preciso que os alunos entendam que mesmo um livro de 1980 que trate de fatos ocorridos lá por 1910 tem suas ligações com o dia de hoje. Ou será que em MAD MARIA, onde Márcio Souza conta a história da construção da Madeira — Mamoré, "estrada que leva do nada a lugar nenhum" e que custou fortunas em dinheiro e vidas, para depois fazer abandonada, as semelhanças com a Transamazônica serão apenas mera coincidência? Por que Josué Guimarães faz sua personagem Camilo Mortágua viver justamente de 1º a 5 de abril de 1964? Qual a razão de Érico Veríssimo terminar "Incidente em Antares" transformando "Liberdade" em palavrão? Que motivo levou, Fernando Gabeira, crítico de si e dos outros, a pôr em seu primeiro — e melhor — livro o título tão conotativo de "O que é isso, companheiro?" Pois em "Sangue de Coca-Cola", de Roberto Drummond, sucumbem nas malhas da repressão todos os que têm sangue de verdade, e escapam apenas aqueles em cujas veias corre o tão falado/difamado/consumido refrigerante. E é Drummond quem pergunta: "O que você estava fazendo no dia 1º de abril de 1964?"

Nós, feliz ou infelizmente, não estávamos nascendo... Se sobrevivermos por ter sangue de Coca-Cola, que ao menos demos aos nossos jovens condições para entender isso tão bem na vida real como conseguiram entendê-lo no romance...

\* Regina Carvalho Pacheco é professora de Português e Redação na UFSC; atualmente cursa o Pós-Graduação em Lingüística.